

## *A Assembleia de Deus e sua inserção no mercado religioso da década de 1990*

Jérri Roberto Marin\*

**Resumo:** O artigo analisa a Assembleia de Deus e a disputa pelo mercado religioso na década de 1990, sobretudo as mensagens veiculadas pela imprensa sobre as outras religiões. Nesse período, houve investimentos variados para defender seus interesses e o seu crescimento numa conjuntura marcada por inúmeras transformações na sociedade brasileira. Na busca do controle e da expansão, diante de um mercado religioso diversificado e competitivo, as lideranças adotaram discursos de poder e demonização contra os competidores religiosos e que asseguravam a salvação apenas aos assembleianos, assim como a posse da verdadeira interpretação. As demais religiões seriam defensoras de falsos ensinamentos e preceitos antibíblicos. Nessa ofensiva, homogeneizavam os discursos doutrinários da Igreja, deslegitimavam outras crenças, dificultavam seu estabelecimento, competiam onde essas já estavam estabelecidas e estimulavam a militância dos fiéis. Converter, salvar os que não estão salvos, incrementar a fé e as vivências religiosas tinha conotação de conquista e cruzada.

**Palavras-chave:** Assembleia de Deus. Mercado Religioso. Imprensa.

### **Assembly of God and their inclusion in the market religious in the decade 1990**

**Abstract:** The paper analyzes the Assembly of God and the dispute for the religious market in the 1990's, especially the messages published by the press about other religions. In that period, there were diversified investments to defend its interests and its growth in a conjuncture marked by countless transformations in the Brazilian society. In the search of control and expansion, facing a diversified and competitive religious market, leaders have adopted speeches of power and demonization against the religious competitors – who assured salvation only to the Assembly followers, as well as the ownership of the true interpretation. Other religions were considered defenders of false teachings and anti-biblical precepts. In this context, they have homogenized the dogmatic speeches of the Church, delegitimized other faiths, hindered its establishment, competed where those were already established and promoted the followers' militancy. To convert, to save those who have not been saved, to increase faith and religious experiences had a connotation of conquest and crusade.

**Keywords:** Assembly of God. Religious market. Press

*Recebido em 22/07/2013 - Aprovado em 18/08/2013*

Esse artigo analisa o projeto *Década da Colheita* da Igreja Assembléia de Deus, realizado no final da década de 1990, e os discursos, e as motivações presentes neles, sobre as demais religiões. A pluralização crescente do campo religioso brasileiro acirrava as disputas e a concorrência. Nesse período, houve o crescimento significativo dos pentecostais e neopentecostais e a perda de fiéis pela Igreja Católica (cerca de três

\* Professor do Curso de História, Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Doutor em História, área de concentração Instituições e Sociedade, pela UNESP/Assis; Participa do Programa de Pós-Graduação em História da UFGD. E-mail: jerrimarim@bol.com.br

milhões), aspecto que indicou uma destradicionalização em nível religioso. Os católicos ainda representavam 73,8% da população (122 milhões), porém perderam terreno frente ao avanço pentecostal e neopentecostal. Na nova demografia religiosa houve um avanço da Renovação Carismática e da Nova Era e a gradual retração numérica dos protestantes históricos e pentecostais (Luteranos, Anglicanos, algumas igrejas Batistas e a Congregação Cristã do Brasil) e das religiões afro-brasileiras (PIERUCCI, 2004). Cresceram as religiões orientais, tais como o Budismo, o Islamismo e o Judaísmo, assim como as religiões esotéricas e as tradições indígenas. Houve também um crescimento de indivíduos que afirmaram não ter religião, assim como a adesão a diferentes sistemas de crenças.

Diante da acirrada disputa pelo mercado religioso e das aceleradas transformações da sociedade brasileira, as lideranças da Assembléia de Deus desenvolveram, a partir do final da década de 1980, projetos a fim de manter a posição já conquistada de maior igreja pentecostal do Brasil e, ao mesmo tempo, de alargar sua presença na sociedade brasileira. Com o processo de redemocratização os evangélicos buscaram maior legitimidade ante a sociedade brasileira ao redefinir seu modelo de participação nos campos religioso, político, público e mediático (PIERUCCI, 1996, p. 163-167).

Em 1989, as lideranças realizaram uma Assembléia Geral Extraordinária para debater sobre os desafios da Igreja no Brasil e para implementar o projeto *Década da Colheita*.<sup>3</sup> Esse foi formulado pelo Comitê Mundial das Igrejas Assembléias de Deus, em reunião realizada em agosto de 1989, por ocasião do 75º aniversário e foi implementado em nível internacional. Na ocasião, foi criado um Comitê Internacional para o projeto *Década da Colheita*.<sup>4</sup> José Wellington Bezerra da Costa, na qualidade de presidente da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (CGADB), participou da reunião e assumiu a responsabilidade de viabilizar as cinco metas criadas para o Brasil, que era representado como o maior país pentecostal do mundo.

A primeira Assembléia Geral Extraordinária da CGADB, realizada em 1989, criou uma Comissão Nacional para viabilizar o projeto *Década da Colheita*. Os resultados dos estudos foram apresentados à Assembléia Geral, realizada em janeiro de 1990 (DANIEL, 2004, p. 529-531). O anteprojeto foi debatido na segunda sessão convencional, no dia 8 de janeiro e, após, foi encaminhado à aprovação dos convencionais (DANIEL, 2004, p. 541-544). Esse apresentava propostas ambiciosas e reafirmava as metas já estabelecidas pelo Comitê internacional, porém foram realizadas mudanças na proposta: 1) organizar três milhões de intercessores que orassem pelo êxito da *Década da Colheita*; 2) ampliar para 50 milhões o número de fiéis por meio da conversão de novos membros, da manutenção dos fiéis no rol de membros e da reconquista daqueles que tinham se afastado ou se convertido às outras religiões; 3) formar 100 mil obreiros que se dedicassem à militância evangelizadora; 4) fundar 50 mil novas igrejas; 5)

<sup>3</sup> Edital de convocação da CGADB para a Assembléia Geral Extraordinária. *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano LIX, n. 1.231, ago. 1989, p. 1.

<sup>4</sup> Assembléia de Deus dos Estados Unidos comemora Jubileu de Diamante. *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano LIX, n. 1.231, ago. 1989, p. 23.

enviar missionários para outros países e para as regiões do Brasil onde a presença da Assembléia de Deus não estivesse consolidada.<sup>5</sup> Para divulgar o projeto e mobilizar os fiéis em nível nacional foram impressos 100 mil cartazes e três milhões de folhetos de evangelização (DANIEL, 2004, p. 541).

Essa ofensiva, sem precedentes, previa uma reestruturação da Igreja para alcançar as metas previstas. Houve o reforço dos princípios teológicos e doutrinários, a reordenação dos cultos e das escolas dominicais e investimentos para aumentar o número de membros e de templos. O projeto estabelecia 18 reformas a serem realizadas, sendo a principal a reforma dos cultos, que deveriam enfatizar os testemunhos legítimos, os exemplos das lideranças, as manifestações dos dons, a pregação, o ensino bíblico, as orações e os jejuns. As igrejas passariam a realizar três reuniões diárias quando seriam priorizados a pregação, os testemunhos e o envolvimento dos fiéis no projeto *Década da Colheita*. Deveriam ser reduzidas as festividades, a execução de hinos e os ensaios de grupos musicais e outras atividades que desviassem do foco central que era a evangelização e o reforço doutrinário sob bases conservadoras. Os cultos públicos, realizados em ruas e praças, para pequenas e médias audiências, foram valorizados como elemento distintivo e como estratégia para conquistar novos membros. Essa prática havia entrado em declínio durante a década de 1980, porém passou a ser valorizada em detrimento das grandes audiências, como as realizadas pelos televangelistas.<sup>6</sup>

Para que fossem alcançadas as metas de expansão numérica e institucional foram estruturados investimentos diversificados de mobilização, instrução, motivação, *marketing* religioso e de arrecadação de recursos para financiar os empreendimentos. Havia a preocupação com o planejamento, com o estabelecimento de metas coletivas e individuais e com a criação de estratégias certas e compatíveis com o que foi proposto. Nesse sentido, a economia das forças, evitava sua dispersão, administrava os conflitos e impasses e o mau uso do tempo a fim de tornar o trabalho mais eficaz e os resultados mais produtivos. Os crentes e os pastores, como portadores de uma missão especial, eram admoestados a se empenharem num projeto comum, que envolvia mobilização, lealdade e auto-sacrifício.

A meta de alcançar 50 milhões de fiéis até o ano 2000 também foi apresentada como viável, porém os dados estatísticos apresentados superestimavam o número de membros. Em 1991, calculavam que seriam 10 milhões e que a taxas de crescimento eram de 500%. Seguindo essas projeções, a Igreja para deveria manter taxas de crescimento anuais de 15% para alcançar os 50 milhões.<sup>7</sup> A fundação de 50 mil novas igrejas e arregimentação de 100 mil novos obreiros seria uma “decorrência natural” do crescimento do número de fiéis.<sup>8</sup> Com relação ao envio de novos missionários para outros países e regiões do Brasil era obrigatório e todos deveriam orar e contribuir para que esse objetivo fosse alcançado. Caso a igreja não tivesse recursos suficientes para

<sup>5</sup> A Década da colheita. *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano LX, n. 1.238, mar. 1990, p. 11.

<sup>6</sup> Projeto para a Década da Colheita. *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano LX, n. 1.237, fev. 1990, p. 15.

<sup>7</sup> Lições Bíblicas, *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, 2. trim. 1991, p. 29.

<sup>8</sup> Id.

manter um missionário deveria unir-se a outras para fazê-lo e poderiam contar com o apoio da Secretaria Nacional de Missões da CGADB.<sup>9</sup>

Para que houvesse o crescimento do número de membros era necessária a união de todos em torno de um projeto comum e, sobretudo, aprimorar as estratégias. Cada igreja deveria estabelecer metas anuais e os seus membros metas individuais. A evangelização seria o resultado do estudo e do conhecimento teológico e da doutrina por parte dos fiéis e da submissão de todos à vontade de Deus e de seus representantes. Porém, o conhecimento e a obediência não estavam dissociados da prática cotidiana e da ação, ou seja, da “multiplicação dos esforços para alcançar o mundo todo com as boas novas até o ano 2000.”<sup>10</sup> O objetivo era criar um despertar missionário ofensivo onde todos eram convocados ao “Ide” a pregar, pois a Igreja deveria aumentar o número de fiéis e expandir-se.<sup>11</sup> Como vozes autorizadas, estavam autorizados a intervir, a falar, a orientar e a evangelizar. Ou seja, estavam autorizados a partir, estavam autorizados a autorizar. Todos deveriam ser mobilizados, preparados para a guerra e atuarem como um exército combativo. Estar “em plena Década de Colheita” tinha conotação de conquista, de guerra, de ação coletiva e de cruzada.<sup>12</sup>

Nesse contexto de ofensiva, as lideranças da Assembléia de Deus mostravam-se preocupadas com o avanço de outras religiões que poderia comprometer o êxito do projeto *Década de Colheita*. A imprensa enfatizava a necessidade da mobilização permanente para resgatar esses indivíduos das forças do mal e passou a demonizar os concorrentes. Nessa ofensiva, as escolas dominicais eram estrategicamente importantes para homogenizar as doutrinas, as teologias e as posturas frente ao mundo e suas transformações, assim como para construir e reforçar os laços identitários e para mobilizar os fiéis. As aulas semanais foram estruturadas para atender esses objetivos, pois eram organizadas a partir da leitura e reflexão dos textos publicados na revista *Lições Bíblicas*. Para os professores passou a ser publicado a *Revista do Professor de Jovens e Adultos da Escola Dominical*, que incluía as lições semanais e textos paradidáticos sobre os temas abordados e traziam orientações sobre didática e estratégias de ensino. As aulas eram minuciosamente planejadas para esvaziar a criatividade pois o uso do tempo era cronometrado de forma a não dar espaços aos professores e alunos, aspecto que revelava a preocupação da CPAD de disciplinar as práticas de leitura e de ensino.

Entre as preocupações do Departamento da Escola Dominical estavam o aperfeiçoamento intelectual dos professores tanto na sala de aula quanto na administração da escola, a vigilância sobre os professores pelos pastores, a normatização do funcionamento das escolas, o aprimoramento e ampliação das publicações voltadas à

<sup>9</sup> Id.

<sup>10</sup> Lições Bíblicas, *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, 2. trim. 1991, p. 27.

<sup>11</sup> SOARES, Adilson Faria. Nosso objetivo – evangelização. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 1, 5 de abril de 1992, p. 2.

<sup>12</sup> Lições Bíblicas, *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, 2. trim. 1991, p. 28.

escola dominical e o refinamento das técnicas de controle das práticas de leitura e de ensino.<sup>13</sup>

A grade curricular da escola dominical centralizava-se na teologia e na doutrina da Igreja e no estudo da Bíblia sob bases conservadoras. As defesas dos fundamentos bíblicos autorizavam as lideranças a condenarem a sociedade contemporânea, sobretudo a secularização, o materialismo, os regimes comunistas, a erosão da moral e a ciência. No Brasil, criticavam e deslegitimavam, a partir de preceitos bíblicos, todos movimentos sociais, a esquerda, as reivindicações dos trabalhadores do campo e da cidade, as lutas pelos direitos civis das mulheres e das minorias sexuais e étnicas, os movimentos pacifistas pela paz, as lutas estudantis, os movimentos contraculturais, os meios de comunicação massivos e as religiões e grupos concorrentes. A defesa ao governo constituído e da sujeição dos fiéis, desde que ele não se opunha a fé, os autorizava a combater os que o criticassem, pois toda a autoridade era instituída por Deus e os opositores estariam criticando a Deus.

A irrepreensível, perfeita e infalível Bíblia continha os princípios religiosos incontestáveis, que somente os assembleianos seguiam. Formavam, nesse sentido, uma comunidade de fiéis em que todos seriam iguais e partilhavam a submissão às verdades bíblicas. Como comunidade organizada tinha como projeto a salvação individual e de toda a humanidade. Ou seja, a *Década da Colheita* estava vinculada ao futuro do mundo e à sua redenção ou não. As “falsas profecias” e os “falsos profetas” ameaçariam sua missão salvífica e sua posição no competitivo mercado religioso. As instruções eram claras: para salvar-se era necessário perseverar na Igreja, obediência aos preceitos bíblicos, buscar a santificação, praticar o ascetismo e purificar-se para tornar-se semelhante a Jesus e, sobretudo, ser um “anátema” quando “alguém [...] anunciasse outro evangelho”.<sup>14</sup> A “verdade prática” legitimava que era “dever do cristão saber discernir a doutrina ortodoxa da doutrina herética”.<sup>15</sup> Para tal, era necessário frequentar a escola dominical, os cultos e ler a Bíblia para saber discernir as “perigosas” e “falsas” “seitas” a “doutrina herética” e heresias da ortodoxia e das verdades defendidas pela Assembleia de Deus.

## A Assembleia de Deus e a disputa pelo mercado religioso na década de 1990

Os teólogos da Assembleia de Deus, na busca de controle e de monopolização do mercado religioso, adotavam discursos de poder e demonização contra os competidores religiosos, utilizando linguagens agressivas e detratórias que reforçavam identidades e excitavam os processos geradores da alteridade. Termos como “almas a

<sup>13</sup> O texto é pleno de possibilidades de sentidos e os resultados são sempre imprevisíveis. Nesse sentido, os “protocolos de leitura” não impedem que os leitores façam outras apropriações, mais ou menos criativas, e até diferentes daquelas desejadas pelo Autor e pelos Editores. Certeau, ao propor os conceitos de *apropriação* e de *lática*, revelou que os consumidores se apropriam de um bem cultural de formas diversas e astutas e são capazes de driblar os cânones dos controles e dos condicionamentos ao burlarem as estratégias dos que detêm o poder e os instrumentos que eles utilizam para propagar normas e regras (CERTEAU, 1994, p. 46-50).

<sup>14</sup> Lições Bíblicas, *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, 2. trim. 1997, capa.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 3.

colher/resgatar”, “exército”, “combate”, “salvar”, “escuridão” aparecem com frequência excitando a ofensiva e, ao mesmo tempo, as intolerâncias. Nessa ofensiva, homogeneizavam os discursos doutrinários da igreja, deslegitimavam outras religiões, dificultavam seu estabelecimento, estimulavam a militância dos fiéis e ampliavam sua presença na sociedade por meio da criação de instituições de assistência social, hospitalares e educacionais. Converter, salvar os que não estavam salvos, incrementar a fé e as vivências religiosas tinham a conotação de conquista, de purificação do território e de transformação do espaço a ser incorporado sob os domínios da Assembléia de Deus.

A editora oficial intensificou os discursos de poder contra os concorrentes legitimados pela posse da verdadeira interpretação da Bíblia, aquela inspirada pelo Espírito Santo. As demais religiões seriam defensoras de “falsos ensinamentos”, preceitos “antibíblicos” e que tinham inspiração demoníaca. Nesse sentido, apresentavam mensagens e doutrinas distorcidas e falsas e eram potencialmente perigosas. A Bíblia, vista como a palavra de Deus inspirada e infalível, seria a única fonte para discernir entre a ortodoxia bíblica e as heresias. A Assembleia de Deus apresentava-se como portadora da ortodoxia bíblica e, portanto, a única e verdadeira religião que garantia a salvação no arrebatamento final. A pluralização crescente do mercado religioso brasileiro e internacional foi interpretada como um sinal indicativo, já previsto, dos fins dos tempos, quando apareceriam falsos profetas e mensagens religiosas, com inspiração demoníaca, que deveriam ser extirpados.<sup>16</sup>

A preocupação em conhecer e administrar os concorrentes revelava a preocupação de planejar e gerenciar uma ofensiva que instaurasse a ordem e a ortodoxia. As religiões e milhares de igrejas, movimentos, correntes e alternativas religiosas foram ordenadas e classificadas em *religiões* e *seitas*. A classificação em grupos e subgrupos postulava uma estrutura, ao separá-las em entidades distintas e ao forjar semelhanças entre elas. Esse esforço por ordenar e classificar, com bases sólidas, denunciava a preocupação em conhecer para criar ações e estratégias diferenciadas para combatê-las e serviria de guia para o futuro na medida em que os inimigos são conhecidos. Manipulavam-se, dessa forma, as probabilidades e eliminavam-se as causalidades.

Na lição *Ortodoxia e Heresia*, foram apresentadas as seguintes classificações e juízos:

Há 10 grandes religiões no mundo, além do Cristianismo. São elas: Budismo, Confucionismo, Hinduísmo, Taoísmo, Xintoísmo, Zoroastrismo, Sikhismo, Ismamismo e Judaísmo, e muitas milhares de seitas.

Eis o desafio da Igreja. [...]

As seitas modernas classificam-se em pseudocristãs, orientais, ocultistas e secretas.

*Pseudocristãs*. Testemunhas de Jeová, Adventistas do Sétimo Dia, Mormonismo, Meninos de Deus (também conhecida por A Família), Tabernáculos da Fé, Igreja de Cristo Internacional (de Boston), Igreja da

<sup>16</sup> Ortodoxia e Heresia. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 1, abr. 1997, p. 3-5.

Unificação (Rer. Moon), Igreja Local de Witness Lee, Voz da Verdade. Testemunhas de Ieroclua e Igreja Pentecostal Unida do Brasil. *Orientais*. Arte Mahikari, Hare Krishna, Seicho-no-iê e Messiânica Mundial). *Ocultistas*. Kardecismo, Legião da Boa Vontade, Santo Daime, Racionalismo Cristão, Umbanda, Quimbanda, Candomblé, Cultura Racional, Ciência Cristã e Nova Era  
*Secretas*. Maçonaria, Ordem Rosacruz e Teosofismo. A Maçonaria não é apenas uma associação ou confraria; ela é, também, uma religião. (Grifos do autor)<sup>17</sup>

As seitas reuniram um grupo de pessoas em torno de uma interpretação particular da Bíblia e caracterizavam-se por distorcerem o cristianismo ortodoxo, por terem lideranças fortes, por pregarem falsas profecias e a salvação pelas obras e por apresentarem revelações subjetivas da Bíblia.<sup>18</sup> Todas foram condenadas por distorcerem e negarem as verdades fundamentais da Bíblia, como a doutrina da trindade, que resultava num *outro* evangelho, num *outro* Jesus, num *outro* Deus e num falso céu para os seus fiéis. Muitas negariam a autoridade da Bíblia, outras acrescentariam algo a ela, outras embora declarassem crer nela não incentivam sua leitura, muitas valorizavam outros livros e líderes humanos que teriam a mesma autoridade da Bíblia e de Jesus Cristo e ainda havia as que valorizavam traduções não ortodoxas para justificarem sua doutrina e seu trabalho. Também foram condenadas por serem exclusivistas, ou seja, por pregarem que a salvação seria restrita aos seus fiéis.<sup>19</sup> Porém, as lideranças assembleianas constantemente afirmavam essa exclusividade: “[...] nós os salvos e remidos pelo sangue de Jesus”.<sup>20</sup> Ao justificarem sua visão de mundo construíam diferenças com os grupos religiosos concorrentes, inclusive pentecostais, e, ao mesmo tempo, uma identidade genuinamente pentecostal e bíblica em contraste e oposição aos *outros* e as suas mensagens.

Em 1992, a revista *Lições Bíblicas*, no 4º trimestre, propôs treze lições, que seriam ministradas no quarto trimestre das escolas dominicais, que trabalhavam com as diferentes religiões. O tema era *religiões, seitas e doutrinas falsas*, e enfocava temas “anti-bíblicos” de cada uma delas, seguidas das contestações e do que seria a *verdadeira* interpretação e leitura. A fonte referencial para refutá-las era a Bíblia, representada como um livro infalível, pois “o verdadeiro culto de Deus é apresentado nas refutações bíblicas”.<sup>21</sup> A publicação analisava as atividades, a doutrina e a presença de diferentes religiões, filosofias e instituições como a maçonaria.

“O Movimento Nova Era desmascarado” foi tema da primeira lição, seguida pelas demais lições que enfocavam “O Catolicismo Romano”, “O Islamismo”, “O Budismo” “O Espiritismo”, “A contraditória Igreja Messiânica”, “A Igreja de Jesus Cristo

<sup>17</sup> Lições Bíblicas, *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, 2. trim. 1997, p. 4-5.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 4-5.

<sup>19</sup> Na doutrina da Assembléia de Deus a salvação estava disponível, pela fé em Jesus Cristo, a todos os que se arrependem de seus pecados. A salvação exclusiva seria um afronta à graça de Deus e ao mérito da morte de Jesus no calvário. *Ibid.*, p. 4-5.

<sup>20</sup> Qual a solução para o Brasil? *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano LVIII, n. 1.218, jun. 1988, p. 14.

<sup>21</sup> Religiões, seitas e doutrinas falsas. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição do 4º trimestre, out. 1992, p. 2.

dos Últimos Dias”, “O Mormonismo”, “A Maçonaria e Rosacrucianismo” e “Os Testemunhas de Jeová”. Outras lições versavam sobre predestinação, sobre os “Falsificadores da Palavra de Deus”, sobre “Jesus, o Único Salvador e Rei” e, para encerrar, “O Único e Verdadeiro Deus”. Na lição 11, “Predestinação, Judaísmo, Adventismo”, os editores faziam a ressalva que o Judaísmo tinha sido incluído não como “religião falsa, mas para seu estudo como sistema religioso dos judeus até hoje.”<sup>22</sup> Nesse contexto, o principal inimigo a ser combatido era a Nova Era, representada como uma ameaça herética à humanidade e que poderia persuadir os incautos, inclusive os fiéis da Assembléia de Deus.

No segundo trimestre de 1997 a revista Lições Bíblicas publicou treze lições sobre *Seitas e Heresias: se alguém vos anunciar outro evangelho seja anátema*, com lições sobre “Ortodoxia e Heresia”, “A doutrina da trindade”, “A doutrina da natureza do homem”, “Distorções da Confissão Positiva”, “Seitas Modalistas”, “Nova Era”, “Espiritismo”, “Catolicismo Romano”, “Adventismo do Sétimo Dia”, “Igreja da Unificação”, “Congregação Cristã do Brasil”, “Mormonismo” e “Testemunhas de Jeová”.<sup>23</sup>

O Departamento de Educação Cristã da CPAD orientava os pastores a vigiarem e a controlarem os professores das escolas dominicais para que não ensinassem o “livre extremismo, [o] modernismo, [o] fanatismo, [as] doutrinas falsas, etc.”<sup>24</sup> As publicações objetivavam desmascarar os concorrentes a partir da Bíblia, legitimada como única fonte para diferenciar a ortodoxia bíblica da heresia.<sup>25</sup> A condenação às demais religiões provinha da refutação bíblica, fonte de conhecimento e autoridade. Nesse olhar, as mensagens e doutrinas que afirmavam serem procedentes de Deus teriam passar pelo crivo da Bíblia, a qual os assembleianos se auto-representavam como os únicos intérpretes fidedignos e por ser a única Igreja a garantir a salvação, construindo uma posição de destaque do ponto de vista religioso.<sup>26</sup>

Os estudos sobre as diferentes religiões, crenças e movimentos objetivava, entre outros aspectos, singularizar a Igreja diante dos concorrentes, forjando uma coletividade de fiéis distintas dos infieis. Ao converter-se, o indivíduo adquiria privilégios da divindade que seriam exclusivos aos membros desse grupo. O conhecimento dos *outros* tinham também como fim reforçar o conhecimento doutrinário e impelir os fiéis à atividade missionária. Para lutar nos exércitos divinos era necessário estar preparado para questioná-las, confrontá-las, refutá-las e condená-las a fim de “ganhá-los para Jesus”. Esse empreendimento era representado como uma obra sacralizada.<sup>27</sup> A aproximação do fim dos tempos exigia uma mobilização e as lutas deveriam ser intensificadas para purificar, regenerar e salvar a sociedade porque o tempo urgia e o indivíduo deveria estar pronto. O segundo retorno de Jesus exigia o arrependimento e a conversão à Assembleia

<sup>22</sup> GILBERTO, Antonio. Religiões, seitas e doutrinas falsas. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 1, out. 1992, p. 2.

<sup>23</sup> Lições Bíblicas, *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, 2. trim. 1997.

<sup>24</sup> SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola bíblica dominical*, p. 127.

<sup>25</sup> Ortodoxia e Heresia. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 1, abr. 1997, p. 7.

<sup>26</sup> O Budismo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 4, out. 1992, p. 17.

<sup>27</sup> O Mormonismo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 7, nov. 1992, p. 25.

de Deus. A ofensiva proposta forjava uma comunidade de fiéis organizada e unida em torno do projeto que envolvia o futuro do mundo, ou seja, a salvação da humanidade.

O *texto áureo*, a *verdade prática*, que precedia a lição sobre a Nova Era, esclarecia aos alunos que o “movimento filosófico, religioso e político mundial denominado Nova Era” seria dirigido pelo Satanás e precederia o surgimento do Anticristo. As legitimações desses discursos estavam nos tópicos *leituras bíblicas*, que traziam indicações de leituras para cada dia da semana, e no *texto bíblico básico*, que apresentavam seis fragmentos retirados da Bíblia.<sup>28</sup> Esses textos autorizavam desqualificar, refutar, condenar e criminalizar a Nova Era. No tópico *Comentário* era apresentado o “movimento” e os posicionamentos da Assembléia de Deus. Nesse olhar, a Nova Era teria um nome atraente para seduzir “ignaros e incautos” e propunha-se criar um novo tempo onde não houvesse problemas, ou seja, uma nova era para a humanidade. Para “incautos e desavisados” seria positivo, mas seria, na verdade, um “arruinador da família”.<sup>29</sup> O movimento era potencialmente perigoso por estar infiltrado nas Organizações Não Governamentais (ONGs), na Organização das Nações Unidas (ONU), no Conselho Mundial das Igrejas (CMI), na Maçonaria, nas instituições ecológicas e feministas, nos governos, nas instituições religiosas e de ensino, na política, na mídia, nas artes, nos esportes, na indústria, entre outros locais. Seus porta-vozes seriam intelectuais de diferentes campos do saber. O objetivo era estabelecer, a serviço do Satanás, um governo internacional, assumir a liderança da humanidade e implantar uma única religião.

A Nova Era congregaria práticas espíritas e ocultistas<sup>30</sup> e seriam panteístas, onde não haveria distinções entre criatura e Criador e “isso [englobava] o próprio Satanás, que para eles é também deus”.<sup>31</sup> A doutrina da Assembleia de Deus defendia que uma nova era viria apenas quando Jesus reinaria na terra ao lado da sua Igreja por um período de mil anos. A dispensação terminaria com a vinda de Cristo para levar seu povo. Depois disso, começaria a Grande Tribulação, tempo de angústia, que durariam sete anos, quando seria concluído com a manifestação pessoal de Jesus Cristo.<sup>32</sup>

A Confissão Positiva foi denunciada por agir entre as igrejas evangélicas pentecostais embora tivesse sua origem no ocultismo e não no pentecostalismo. Sua condenação era justificada por expor uma teologia “estranha” ao cristianismo, resultando num “[...] deus totalmente alheio ao revelado nas Escrituras, num Jesus divorciado dos ensinados do Novo Testamento”.<sup>33</sup> Seu principal erro consistia em reduzir Deus à categoria dos homens e elevar os homens à categoria de Deus, configurando-se numa inversão,

<sup>28</sup> O movimento Nova Era desmascarado. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 1, out. 1992, p. 3.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 6.

<sup>30</sup> A Nova Era foi representada como “inclusivista” como o Hinduísmo, ao misturar reencarnação “esoterismo, ufologia, ioga, meditação transcendental, hipnose, clarividência, artes mágicas e todos os ramos de adivinhação. Incorpora todo o sistema espírita, englobando também as doutrinas Hare Krishna e da seita japonesa Seicho-no-îe.” Enfim, suas crenças, práticas e ideologias negariam o Cristianismo. Nova Era. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 6, maio 1997, p. 30; O movimento Nova Era desmascarado. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 1, out. 1992, p. 6.

<sup>31</sup> Nova Era. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 6, maio 1997, p. 29-30.

<sup>32</sup> Distorções da Confissão Positiva. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 4, abr. 1997, p. 19.

<sup>33</sup> *Ibid.* p. 19.

numa zombaria e num insulto aos cristãos. Afirmavam que o “nosso Deus é soberano. Ele ouve as nossas orações e opera em favor dos que o buscam. Na Confissão Positiva dá-se o inverso. Aqui, soberano é o homem, ficando Deus sujeito à vontade humana.”<sup>34</sup> A igualdade entre o homem e Deus foi vista como uma perversão doutrinária, assim como Os “profetas da prosperidade” agiam de forma fraudulenta e não permitiam a contestação de suas doutrinas. Porém, todos os cristãos estariam revestidos de autoridade para detectar, examinar, rejeitar e diferenciar a verdade da heresia.<sup>35</sup>

Os Modalistas (Só Jesus, Igreja Pentecostal do Brasil, Voz da Verdade, Tabernáculo da Fé, Igreja Local) foram denunciados por fazerem proselitismo em “nossas igrejas” e foram condenados por afirmarem que apenas o batismo salva, por batizarem apenas em nome de Jesus e por ensinarem que a Trindade consistiria em uma só pessoa. Essas interpretações foram vistas como desvios e que, ao negarem a Trindade, incorriam em uma condenação eterna.<sup>36</sup>

O Budismo foi considerado uma das grandes religiões e que estaria crescendo no Brasil. Seria uma “antiga religião falsa, que ensina a auto-salvação do homem, depreciando a obra redentora consumada por Jesus”, a reencarnação (associando-o ao Espiritismo), o politeísmo e o aperfeiçoamento por meio do ascetismo. O não reconhecimento da Bíblia e a valorização dos “Livros Sagrados”, que não traziam revelações novas e justificavam sua condenação. Caberia ao assembleianos evangelizá-los e ganhá-los para Jesus. Para tal, deveriam estar preparados em nível doutrinário e revestidos das armaduras do exército do Senhor.<sup>37</sup>

O Islamismo seria a “religião dos povos árabes” que se propagava rapidamente em todos os países, inclusive no Brasil. O crescimento numérico foi atribuído aos intercâmbios comerciais e culturais entre as nações, ao desenvolvimento tecnológico, ao encurtamento dos espaços, as imigrações, a difusão de obras árabes e o interesse por elas no Ocidente, ao turismo, ao fato do seu credo e doutrinas serem fáceis de entender, por não existir discriminações de cor e ao forte apelo à união dos povos. Seria uma religião monoteísta, porém não bíblica, cristã e evangélica. Para não ser uma “presa” das suas “vãs sutilezas” todos deveriam cuidar-se e seguir a Cristo e não a outros profetas e outros livros. Afirmavam que as “nossas Bíblias” entravam em contradição e não teriam nada em comum com os textos sagrados *deles*. Os povos que seguiam o Islamismo constituíam um “bloco” não evangelizado e os assembleianos deveriam orar para que isso ocorresse.<sup>38</sup>

O Espiritismo foi representado como seitas ocultistas, que englobavam o Kardecismo, a Legião da Boa Vontade, a Ordem Rosa Cruz, o Racionalismo Cristão, a Cultura Racional, o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, o Hare Krishna e “cultos” afro-brasileiros. A reencarnação não teria comprovação bíblica e foi combatida a partir da crença de que os homens morriam uma única vez e que, depois disso, viria o

<sup>34</sup> Ibid, p. 20.

<sup>35</sup> Ibid, p. 19.

<sup>36</sup> Seitas Modalistas. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 5, maio 1997, p. 25-26.

<sup>37</sup> O Budismo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 4, out. 1992, p. 15-17.

<sup>38</sup> O Islamismo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 3, out. 1992, p. 11-13.

juízo final. Por um lado, o Espiritismo tirava os méritos de Jesus Cristo como salvador da humanidade e que “não precisariam de Jesus” por terem o *Evangelho Segundo Allan Kardec*, por outro. Os aperfeiçoamentos por meio das reencarnações e as boas obras foram criticados por não garantirem a salvação, pois esta viria “única e exclusivamente através da fé nos méritos de Jesus Cristo. A Bíblia negaria a reencarnação e a comunicação com os espíritos seria uma violação das leis divinas”.<sup>39</sup> A uso e interpretação da Bíblia seriam esotéricos e fora da hermenêutica sagrada. A Legião da Boa Vontade foi vista como não evangélica e que o “Jesus deles” não seria o revelado no Novo Testamento, pois em sua doutrina negavam “a personalidade do Espírito Santo e a infalibilidade da Bíblia, o parto de Maria e, portanto, a humanidade de Cristo. Por causa de sua crença na reencarnação, [negavam] a deidade de Cristo e a doutrina do inferno.”<sup>40</sup> Assim, os espíritos impossibilitaram a salvação dos indivíduos, enganando-os e comprometendo sua eternidade.

A Umbanda, a Quimbanda e o Candomblé foram classificados como “cultos afro-brasileiros” e como “baixo espiritismo”, por incluírem práticas condenadas pela Bíblia, tais como adivinhações, feitiçarias, encantamentos, espíritos e magias. Seus adeptos seriam mais receptivos ao Evangelho que os Kardecistas, que seriam “arrogantes e presunçosos”. A Umbanda foi representada como um culto híbrido, que reuniria contribuições religiosas indígenas, africanas e da Igreja Católica. O Candomblé como sendo de matriz africana e a Quimbanda como magia negra, que cultuava o Satanás.<sup>41</sup> A lição não dispensou grande atenção às religiões afro-brasileiras pois o foco central de ataque era o alto espiritismo, que recebeu maior detalhamento. Durante a elaboração da Constituição a bancada evangélica, composta por 33 deputados, da qual pertenciam 13 assembleianos acompanhou as discussões em torno da liberdade religiosa e, ao mesmo tempo, defendiam o cerceamento das religiões afro-brasileiras por serem “satânicas” (FONSECA, 2011, p. 66).

O Catolicismo Romano foi condenado pelos seus dogmas, que estariam fundamentados na teologia humana e não na Bíblia. Ao longo dos séculos teria acrescentado tradições, inovações e práticas religiosas, como a “deificação de Maria, a canonização dos santos e [...] crenças e práticas pagãs” que seriam distorções, acréscimos e omissões.<sup>42</sup> Foi deslegitimada a autoridade do Papa, pelo fato de ser equiparada a da Bíblia, e a função de Papa, pois Pedro nunca teria sido bispo de Roma. Foram condenados, por não serem bíblicos, a inclusão dos textos apócrifos, o culto as imagens e aos, pois o único mediador entre os homens e Deus era Jesus Cristo, e o culto a Maria, elevada à condição de deusa. Foram criticados como desvios doutrinários e falta de conhecimento do Evangelho o não incentivo à leitura da Bíblia, o celibato sacerdotal, a existência do purgatório, a tradição colocada em igualdade com a Bíblia, o batismo

<sup>39</sup> Espiritismo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 7, maio 1997, p. 33, 35.

<sup>40</sup> *Ibid.*, p. 35.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 36-37.

<sup>42</sup> O Catolicismo Romano. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 2, out. 1992, p. 8-9.

infantil e a salvação pelas obras.<sup>43</sup> A conclusão é definitiva: “É a Bíblia quem julga a Igreja [Católica] e não a Igreja a Bíblia.”<sup>44</sup>

A Teologia da Libertação foi combatida e denunciada pelo envolvimento em problemas sociais, políticos e econômicos e por associar religião e política, cristianismo e marxismo. Assim, não teria embasamento bíblico e representava o “anticristo”. Para deslegitimá-la, afirmavam que uma leitura superficial da Bíblia mostrava que “Deus, na sua revelação aos homens, sempre os advertiu a não amarem o mundo e nem o que no mundo há.” A luta não deveria ser contra a “carne” e as “injustiças sociais, mas contra as potestades, contra o príncipe das trevas e contra as hostes espirituais.” Para os teólogos da Assembléia de Deus, os problemas sociais seriam de ordem espiritual e eram decorrentes do pecado das pessoas, que eram em sua maioria composta de infiéis. Assim, deveria ser solucionada por meio do Evangelho. A reportagem esclarecia que eram essas hostes do mal e a incredulidade que deviam ser combatidas e que o cristão sábio, conhecedor da Bíblia, não deveria “tomar partido por ninguém a não ser por Jesus Cristo.”<sup>45</sup> Ou seja, as questões sociais do Brasil não deveriam ser tratadas pelas religiões e não seriam resolvidas no plano terreno. Os fiéis deveriam preocupar-se com a sua santificação e as religiões com a salvação dos fiéis. As lideranças da Assembleia de Deus representavam a Teologia da Libertação como uma ameaça à liberdade religiosa e ao Estado por disseminarem o marxismo, por defenderem a politização e a revolução socialista. Esses discursos se apropriavam de alguns elementos da Teologia da Libertação para deslegitimá-la, para desqualificá-la e para condená-la.

O ecumenismo proposto pela Igreja Católica seria uma armadilha, sobretudo por propor a aproximação entre católicos e protestantes. A Reforma Protestante seria um retorno às Escrituras como única regra de fé e prática e uma crítica aos dogmas papistas, portanto o ecumenismo negaria os fundamentos da reforma e era antibíblico. Afirmavam que era “[...] difícil entender como filhos da reforma, hoje, se prestam a comungar com um evangelho rejeito pelos reformadores.”<sup>46</sup>

Entre a Assembleia de Deus e os Adventistas foram construídas distinções. Eles foram condenados por atribuírem aos textos de Ellen Gould White a mesma autoridade da Bíblia. Esses textos seriam “plágios” e teriam “inúmeros erros e contradições”. Outras “crenças errôneas” seriam a negação da existência do inferno e da imortalidade da alma, o bodé expiatório e a guarda do sábado, vista como “desvio” e como “retrocesso espiritual”, pois teria sido “abolido” por Jesus Cristo.<sup>47</sup>

A Igreja da Unificação, do Reverendo Moon, foi apresentada como uma “seita de caráter oriental antibíblica, mas que afirmava possuir a verdade completa de Deus.”<sup>48</sup> Suas doutrinas seriam exóticas e falsas ao negarem a concepção virginal de Jesus Cristo,

<sup>43</sup> Catolicismo Romano. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 8, maio 1997, p. 38-42.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 42.

<sup>45</sup> Teologia da Libertação: a ponta-de-lança do Anticristo. *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1.121, set. 1980, p. 6.

<sup>46</sup> Catolicismo Romano. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 8, maio 1997, p. 42.

<sup>47</sup> Adventismo do Sétimo Dia. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 9, jun. 1997, p. 43-47.

<sup>48</sup> Igreja da Unificação. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 10, jun. 1997, p. 48.

sua deidade, sua ressurreição corporal e por pregar que o Reverendo Moon teria sido enviado para completar a obra de Adão: “Assim, afirma Moon, o segundo Adão, Cristo, deveria se casar e erguer uma grande família.”<sup>49</sup> O livro básico, *Princípio Divino*, teria para o moonismo a mesma autoridade que a Bíblica, aspecto que comprovava que sua doutrina era uma “grosseira imitação” e antibíblica. Foi condenada também pelos métodos controversos de aliciamento e discipulação, pois utilizavam o “terror psicológico” e tinham como público alvo os jovens das classes médias urbanas.<sup>50</sup> Seriam também uma potência financeira permitindo expandir-se por meios escusos.<sup>51</sup> O Reverendo Moon seria um falso profeta como outros falsos cristos que surgiam, em números “alarmantes”, e que comprovavam a aproximação do fim dos tempos. Ou seja, os assembleianos devem “precar-se contra esses líderes e seitas.”<sup>52</sup>

Também foram classificadas como seitas falsas o Tabernáculo da Fé, Só Jesus (também conhecida como Igreja Pentecostal Unida) e foram denunciadas por induzirem muitos indivíduos ao erro.<sup>53</sup> A Maçonaria e a Rosa Cruz foram condenadas não pelo aspecto moral, mas por suas “ideologias religiosas”, por serem secretas, por agregarem incrédulos e serem responsáveis por más ações. A Maçonaria foi classificada como religião e como a Rosa Cruz teriam princípios “antibíblicos, deístas, humanistas e sincretistas.”<sup>54</sup> A salvação pelas obras, a idéia de Deus e de Jesus que postulavam não eram compatíveis com o Evangelho, pois seguiam “fábulas e invencionices pagãs, forjadas pelo inimigo.”<sup>55</sup> O Rosacruzianismo, ao afirmar que Jesus era um espírito evoluído como Buda, estariam descrendo na Bíblia, pois ao afirmarem que “Jesus é Deus” estariam chamando “Deus de mentiroso, pois de Jesus ele disse: ‘Este é meu filho amado’ (Mt 3.17; 1Jo 5,9,10).”<sup>56</sup> Também foram condenadas por pregarem que a evolução ocorreria em sete períodos de renascimento, quando os homens se tornariam divinos. Nesse sentido, defenderiam o “reencarnacionismo espírita”, mesma mentira que a serpente teria tentado Eva no Éden.<sup>57</sup> Por não exaltarem e servirem a Jesus Cristo haveria uma incompatibilidade entre ser cristão evangélico e maçom e rosacruziano. Na Maçonaria haveria as “juras” que entrariam em colisão com as Escrituras por cercearem a liberdade moral do indivíduo, colocando-o em permanente contradição.<sup>58</sup> Seria “trágico engano engendrado pelo Diabo” acreditar que todas as religiões seriam boas. Maçons e rosacruzes seriam “desviados”.<sup>59</sup>

A Congregação Cristã do Brasil apresentava discordâncias quanto a sua definição, para alguns seria seita e, para outros, um movimento responsável por desvios

<sup>49</sup> Ibid., p. 49.

<sup>50</sup> Igreja da Unificação. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 10, jun. 1997, p. 49.

<sup>51</sup> Ibid., p. 49.

<sup>52</sup> Falsificadores da Palavra de Deus. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 9, dez. 1992, p. 37.

<sup>53</sup> Ibid., p. 35-37.

<sup>54</sup> Maçonaria e Rosacruzianismo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 8, nov. 1992, p. 28-29.

<sup>55</sup> Ibid, p. 29.

<sup>56</sup> Ibid, p. 29-30.

<sup>57</sup> Ibid, p. 30.

<sup>58</sup> Ibid., p. 28,30.

<sup>59</sup> Ibid., p. 30.

doutrinários de caráter secundário. Embora se considerassem “superiores” aos evangélicos, seria uma igreja estagnada, sem motivação para ampliar seu crescimento e sua hierarquia eclesial seguia princípios baseados no parentesco e no patriarcalismo. Para eles, a Bíblia não teria relevância, pois era norteadada pelo “iluminismo”. Por outro lado, seria uma igreja sectária ao defender que somente seus adeptos seriam salvos, contrariando a Bíblia que garantia que todo aquele que invocasse Jesus seria salvo. Eles não reconheceriam o batismo efetuado por outras religiões e sua fórmula foi condenada como antibíblica.<sup>60</sup> A crítica aos dízimos e o método próprio de arrecadação da Congregação Cristã do Brasil negariam as verdades bíblicas e levou o articulista a defender sua importância para o sustento dos pastores e obreiros e para manter as atividades da Assembléia de Deus. O uso do véu também foi criticado como meio para a santificação.<sup>61</sup> Nesse sentido, não cabia aos assembleianos tratar seus adeptos como “inimigos, mas como [...] pessoas que precisam dos esclarecimentos necessários para compreender o verdadeiro sentido do Evangelho”, cabendo a eles preservar a “sã doutrina” e difundir-la por meio da ofensiva missionária.<sup>62</sup>

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias foi classificada como uma religião politeísta, “cujos adeptos usam termos cristãos com outros significados para facilitar seu trabalho de proselitismo.” As críticas ao Mormonismo foram inúmeras, sobretudo ao *Livro de Mórmon*, sendo outro Evangelho que suplantava a Bíblia e impunha restrições a ela. O Livro foi considerado uma fraude, pois teria sido traduzido de forma “milagrosa” da hieroglífica egípcia e por ter recebido desde 1893, ano da primeira edição, 3.913 alterações. Nesse sentido, foi considerada uma falácia, pois não existiria “um idioma “egípcio reformado” e por “reproduzir textos de versão inglesa do Rei Tiago, que só viria a surgir em 1611”.<sup>63</sup> A doutrina foi desqualificada por ser antibíblica, sobretudo pelos acréscimos ao Evangelho e por representarem-se como restauradores da verdadeira igreja de Jesus.<sup>64</sup> Foram criticados a defesa da poligamia, por pregar que Jesus teria sido gerado pelo Espírito Santo, de que o sangue de Jesus não purificou todos os pecados, por não reconhecerem o conceito de Deus, por negarem a Trindade, por cultuar outro Jesus Cristo, por não aceitarem a concepção virginal de Jesus, por pregarem que não haveria salvação sem a igreja Mórmon, pela organização hierárquica (profeta, autoridade máxima e apóstolos, por realizarem o batismo dos mortos (daí o interesse pelas genealogias), por ensinarem que os anjos seriam homens aperfeiçoados após a morte, por acreditarem na salvação geral para todos, por não acreditarem no inferno e na condenação eterna, por realizarem batismo por procuração e casamentos para a eternidade, entre outras.<sup>65</sup> O Mormonismo representava um perigo ameaçador por ser missionário e os assembleianos

<sup>60</sup> A defesa de que o batismo salva também foi criticado em razão da verdade defendida de que a salvação é um ato da graça de Deus. Congregação Cristã do Brasil. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 11, jun. 1997, p. 54.

<sup>61</sup> Congregação Cristã do Brasil. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 11, jun. 1997, p. 54.

<sup>62</sup> *Ibid.*, p. 55.

<sup>63</sup> *Ibid.*, p. 58.

<sup>64</sup> O Mormonismo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 7, nov. 1992, p. 26.

<sup>65</sup> Mormonismo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 12, jun. 1997, p. 56-59; O Mormonismo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 7, nov. 1992, p. 25-26.

deveriam precaver-se desses embustes. O desafio consistia em anunciar o verdadeiro Evangelho e Jesus Cristo antes que a seara fosse semeada com o joio.<sup>66</sup>

Os Testemunhas de Jeová teriam se organizado sob “a égide da mentira” e seus adeptos foram induzidos ao erro, tornando-se “uma das piores seitas falsas”.<sup>67</sup> Inúmeras profecias dos fundadores da igreja, entre elas a do Armagedom, não se cumpriram, aspecto que comprovava que seria uma seita perigosa. Eles desestimulariam a leitura da Bíblia e estimulavam a leitura da revista *A Sentinela* e do livro *Tradução Novo Mundo*, que traziam visões deturpadas, “[tendenciosas], [viciadas] e [cheias] de interpolações”. Na obra *Tradução Novo Mundo* Jo. 1.1 teria sido traduzida “E a Palavra era [um] Deus” e, como reforço de autoridade, o texto cita o Dr. Bruce M. Metzger, da Universidade de Princeton, que afirmava que a obra era de uma “tradução horripilante..., errônea..., perniciososa..., repreensível. Se os Testemunhas de Jeová [levavam] essa tradução a sério, eles são politeístas.”<sup>68</sup> Também utilizavam-se de traduções heterodoxas da Bíblia por trazerem versões que justificavam e embasavam seu proselitismo.<sup>69</sup> Como decorrência, defendiam princípios doutrinários antibíblicos, tais como negar a onipresença de Deus, a Trindade (vista como pagã), a personalidade e divindade do Espírito Santo, a existência do inferno ardente e do castigo eterno, a imortalidade da alma, a divindade de Jesus e sua ressurreição, por proibirem a adoração de Jesus Cristo e por restringirem a salvação apenas aos ungidos (144.000 membros) e a “grande multidão”, que herdarão a terra, não seriam filhos de Deus e nem pertenciam a Jesus.<sup>70</sup> Assim, adoravam *outro* Jesus que não era o mesmo da Bíblia. Seria destruidor, o “Abadom de Apocalipse 9.11”, ou seja, um “Jesus igual a Satanás”.<sup>71</sup> Na conclusão, afirmavam que o crente que não frequentava a escola dominical nem os cultos seria uma *presa* fácil “dessa seita perigosa”.<sup>72</sup> Para se precaver o crente deveria seguir a recomendação de João (2 Jo 10): “Se alguém vem ter convosco, e não traz esta doutrina, não o recebeis em casa, nem tão pouco o saudeis”.<sup>73</sup>

No final da década de 1990 as lideranças da Assembléia de Deus, para defenderem a expansão pretendida, começaram a perceber novos concorrentes na acirrada batalha pelo mercado religioso brasileiro. Entre eles, estavam as religiões neopentecostais, como a Universal do Reino de Deus (1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976) e a Renascer em Cristo (1976), que cresciam em número de igrejas e de fiéis. Os neopentecostais ofereciam bens simbólicos mais atrativos, tais como a teologia da prosperidade, a cura, o descarrego e o exorcismo do demônio. Segundo Montes, a Igreja Universal do Reino de Deus ao promover uma agressiva “guerra espiritual” contrária às demais religiões (catolicismo, umbanda e candomblé, entre outras) identificando nelas a obra do

<sup>66</sup> Mormonismo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 12, jun. 1997, p. 59.

<sup>67</sup> Os Testemunhas de Jeová. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 9, nov. 1992, p. 31.

<sup>68</sup> Testemunhas de Jeová. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 13, jun. 1997, p. 62.

<sup>69</sup> *Ibid.*, p. 60-62.

<sup>70</sup> *Ibid.*, p. 62-63. Os Testemunhas de Jeová. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 9, nov. 1992, p. 33-34.

<sup>71</sup> Testemunhas de Jeová. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 13, jun. 1997, p. 62.

<sup>72</sup> *Ibid.*, p. 64.

<sup>73</sup> *Ibid.*, p. 64.

Demônio, que impedia os homens de gozarem de todos os benefícios de Deus, “conseguiu reapropriar em seu benefício próprio, mas pelo avesso, um rico filão da fé já dado pela tradição das religiosidades populares no Brasil”. Foi essa “retradução” doutrinária que garantiu seu êxito (MONTES, 1998, p. 91). O sucesso que alcançaram devia-se também as suas estratégias litúrgicas, a utilização de *shows* e da mídia para propagar suas mensagens e atrair os indivíduos para os seus templos, à sua maquinaria de arrecadação financeira e à sua gestão empresarial. Os neopentecostais compravam horários nos canais de televisão e rádio e investiam em canais próprios. Para Mariano, as igrejas pentecostais cresceram em ritmos desiguais entre 1991 e 2000: “Igreja Universal (25,7%), Deus é amor (18,4%), Evangelho Quadrangular (17,7%), Assembléia de Deus (14,8%) e Congregação Cristã no Brasil (4,8%)”. Ou seja, o maior êxito numérico foi da Igreja Universal, que tinha, em 1991, 269.000 fiéis e, em 2000, alcançou 2,1 milhões de pessoas, representando 12% dos pentecostais (MARIANO, 2004, p. 68-69).

O crescimento numérico de fiéis e de igrejas e o *marketing* religioso e empresarial dos concorrentes neopentecostais geraram preocupações entre as lideranças da Assembleia de Deus. Segundo Souza, até 1996 a revista Lições Bíblicas não faziam nenhuma alusão explícita às práticas e crenças neopentecostais, mas eram frequentes as críticas a determinados movimentos religiosos, representados de forma genérica (SOUZA, 2000, p. 252-253). A Igreja Universal do Reino de Deus tornou-se alvo de interesse, estudo, crítica e de demonização, sobretudo após o seu grande crescimento demográfico e de templos, da compra da TVs Record, em 1990, do episódio conhecido como “o chute da santa” em um programa do canal da emissora e da prisão do bispo e líder Edir Macedo (SOUZA, 2000, p. 255-256).

Os teólogos da Assembléia de Deus viam como sinais do segundo retorno de Jesus a proliferação dos falsos profetas e de “líderes gananciosos, que [pregavam] a mensagem por interesse financeiro, que [usurpavam] os bens das pessoas simples, oferecendo em troca bênçãos que não [podiam] dar, pelo qual terão de prestar contas ao justo Juiz e toda a terra.”<sup>74</sup> Denunciava-se também o falso despertamento, as inovações afastadas do Evangelho e o emprego de técnicas elaboradas para controlar o auditório, tais como “rir, chorar, jubilar, pular, bater palmas, etc. Sabem até imitar o batismo com o Espírito Santo, ‘ensinando’ o povo a falar em línguas. São, porém, *experiências* sem nenhum poder e sem a menor reverência.” (Grifo meu)<sup>75</sup> Ou seja, essas práticas eram vistas como profanadoras do culto e experimentais.

A partir de 1996, a revista Lições Bíblicas passou a divulgar vários textos sobre a Igreja Universal do Reino de Deus. As práticas de exorcismo foram condenadas pelo fato dos pastores conversarem, em programas de televisão da Rede Record e nos templos, com os demônios, contrariando o Evangelho, que determinava apenas sua expulsão em

<sup>74</sup> GOMES, Geziel Nunes. Sinais da sua vinda. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 5, abr/maio/jun. 1992, p. 8.

<sup>75</sup> BERGSTÉN, Eurico. O despertamento renova o altar. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 3, jul/ago/set. 1993, p. 11.

nome de Jesus.<sup>76</sup> Criticava-se também o pseudobatismo que realizavam, por serem “práticas inventadas e sem apoio bíblico”, e a glossolalia, que havia se tornando cômico e sem seriedade. O pastor Esequias Soares da Silva comentou que tinha ouvido alguém dizer “‘Eu falo línguas’, e a outra pessoa responder para ele: Fale, e ele começa a falar. Há pessoas que querem ajudar Jesus fazer a obra. Falam línguas e mandas as pessoas que ainda não foram batizadas imitá-las.”<sup>77</sup> Segundo Souza, os discursos de críticas à teologia e às práticas neopentecostais construíam representações negativas que demarcavam diferenças em relação a Assembleia de Deus única religião que oferecia a verdadeira experiência pentecostal (SOUZA, 2000, p. 256-257). Eles seriam um pseudo-segmento do movimento pentecostal, antibíblico, experimental, herético, modista, charlatã, que enganava e explorava financeiramente o povo, que se apropriava de seus bens em troca de cura e prosperidade, entre outras motivações. A teologia da prosperidade foi amplamente criticada por contrariar os ensinamentos da Bíblia.<sup>78</sup> As críticas se dirigiam à Confissão Positiva e às religiões neopentecostais, que pregavam que os indivíduos ao se converterem tornam-se filhos de Deus tomariam posse e eram merecedores de todas as bênçãos e riquezas. A teologia da prosperidade incentivava também a obtenção de melhores condições de vida, aqui e agora, por meio da fé em Deus em detrimento de uma vida de sacrifícios, doenças e de pobreza. Como decorrência, permitiria aos indivíduos ingressarem nas classes médias e superarem a conjuntura brasileira marcada pelo desemprego, violência, exclusão e de crise econômica e social (ORO, 2003, p. 208). Para as lideranças da Assembleia de Deus, a teologia da prosperidade, principal *marketing* das religiões neopentecostais, era herética e seus erros doutrinários deveriam ser combatidos pois negariam a soberania de Deus e que o sofrimento, a pobreza, a doença, as aflições e outros males deveriam ser aceitos pois o crente estaria sujeito a elas durante a vida. Segundo Souza, a condenação da teologia da prosperidade era motivada “pela negação neopentecostal de uma vida de martírio e sofrimento e pela validação do discurso de abundância no ‘aqui e agora’, no plano terreno, e não ‘na glória’, o que retira do dinheiro e dos bens materiais qualquer conotação de pecado (SOUZA, 2000, p. 260).

A importação do marketing religioso das igrejas neopentecostais foi criticada e proibida. O presidente da CGADB, José Wellington Bezerra da Costa, defendia a existência de uma identidade consolidada e admoestava os pastores para que não copiassem a doutrina, a liturgia e as estratégias de mercado das outras religiões, tais como os dinamismos dos cultos, que passaram a incluir palmas, risos, danças. Essas inovações das igrejas neopentecostais, foram vistas como afeitas ao mundanismo e que se

<sup>76</sup> SILVA, Ezequias Soares da. O poder de Cristo sobre os demônios. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 6, jul/ago/set. 1994, p. 30.

<sup>77</sup> SILVA, Ezequias Soares da. A descida do Espírito Santo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 2, jul/ago/set. 1996, p. 10-11.

<sup>78</sup> Segundo Souza, a teologia da prosperidade passou a “ser amplamente debatida pela Assembleia de Deus em páginas e páginas da revista *Lições Bíblicas*; nesses textos, o termo Teologia da Prosperidade aparece mais de 22 vezes, incluindo duas lições que tratam especificamente do tema.” (SOUZA, 2000, p. 260).

contrapunham a doutrina e liturgia praticada na Assembléia de Deus.<sup>79</sup> Entre o *nós* e o *outro*, que o negava estabelecia-se uma linha divisória que demarcava e diferenciava. Esses discursos, ao produzirem sentidos com os quais os indivíduos se identificavam, construíam e reforçaram identidades.<sup>80</sup>

As lideranças da Assembleia de Deus viam nos concorrentes não somente um inimigo em potencial e real, mas alguém pagão e demoníaco e que falseava a verdadeira religião. A prática de nomear, classificar e analisar os *outros* com elementos negativos e detratores criavam divisões, classificações, tratamentos desiguais e distinções entre os salvos e os não-salvos e entre os *nós* assembleianos, comunidade de fiéis, um “parentesco espiritual” em que todos partilhavam a submissão às verdades bíblicas, com uma identidade distintiva e aparentemente una, e os *outros*, *eles*, não-assembleianos.<sup>81</sup> Nomear e classificar os *outros* não significava apenas conhecê-los ocularmente, mas também significava descobrir e reafirmar o *nós* a partir de uma observação à distância, sempre superficial, negativa e confinando-as ao exotismo e aos erros doutrinários e interpretativos, de inspiração diabólica. Um *outro* que o negava e justificava e que dava sentido à sua existência, à sua razão de ser e à sua ofensiva missionária, uma vez que um pressupõe o outro. A construção de saberes e de diferenças irredutíveis revelava a tentativa de dominar, de conquistar o poder e de “colonizar” as religiões concorrentes.

A produção de identidades e de alteridades era uma estratégia crucial para criar uma comunidade de fiéis e de destino, unidos sob as muralhas protetoras da Igreja contra a imprevisibilidade do desconhecido, do novo, do inesperado, do incontrolável e sobre os inimigos infieis e heréticos que ocultamente agiam sob a liderança do Satanás. A Assembleia de Deus oferecia a salvação e a segurança num tempo representado como conturbado e próximo do fim. O objetivo final era erradicar todos os concorrentes, que deveriam ser destruídos e seus adeptos evangelizados. A comparação que realizam era sempre uma condenação e, ao mesmo tempo, a construção de diferenças e a negação dos diálogos interculturais. Os discursos detratores das religiões concorrentes, ao julgarem os outros e os diferentes, justificavam os preconceitos, a incompreensão e a recusa das diversidades culturais.

A missão da Igreja era supranacional, ou seja, “anunciar o evangelho a todos os povos até aos confins da terra.”<sup>82</sup> Deus não desejava que ninguém se perdesse e que todos tivessem pleno conhecimento da verdade. Nem o Diabo, nem os governos poderiam não teriam autoridade nem força para anular esse desígnio divino. O único

<sup>79</sup> BEZERRA DA COSTA, José Wellington. “Preservem nossa identidade e doutrina”. *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 70, n. 1354, p. 16-31, jan. 2000.

<sup>80</sup> Integrantes de um mesmo grupo podem aderir de forma diferenciada ao mesmo estoque simbólico ou não se sentem reconhecidos neles.

<sup>81</sup> O crescimento pentecostal está associado à capacidade de criar identidades da Assembleia de Deus. No “templo e fora dele, a sociabilidade cotidiana congrega os indivíduos, cria novos liames sociais; os ritos intensos estimulam a formação de vínculos de amizade e irmandade; os fiéis se tratam por irmãos e irmãs e encontram-se quase todos os dias durante os cultos, orações e estudos bíblicos, visitam-se mutuamente. Há solidariedade e reciprocidade; as relações pessoais tendem a ser duradouras e os casamentos não raros endogâmicos, reforçam ainda mais os vínculos individuais e familiares.” (OLIVA; BENATTE, 2000, p. 36.

<sup>82</sup> Evangelizemos o mundo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 11, jun. 1992, p. 37.

impedimento seria o pecado, que teve seu poder anulado com as mensagens cristãs. Assim, o desafio da Assembleia de Deus era alcançar o mundo, atingindo todas as nações. Para tal, era necessário “estabelecer metas definidas” e disposição para vencer os obstáculos.<sup>83</sup> A cruzada exigia organização, recursos, disposição para vencer os desafios e decisão pessoal e coletiva:

Nosso propósito deve ser firme, coletivo e imediato. Temos uma tarefa e precisamos cumpri-la. Precisamos vencer o desafio. A expansão do Reino de Deus deve ser nossa prioridade UM.

[...] Mais do que tudo, precisamos um forte espírito de decisão. Temos de IR. [...] Chegaremos aos confins da terra depois de darmos o passo inicial.<sup>84</sup>

Os fiéis eram convocados à atividade missionária e à grande batalha espiritual, contra as hostes e potestades dos exércitos do Diabo e dos seus seguidores, que teria seu desfecho final no grande Armagedom. O Diabo e seus seguidores eram os grandes inimigos do cristianismo e suas forças se manifestavam na sociedade e tinham como alvo os cristãos. Nessa guerra santa, os assembleianos disputavam as almas dos viventes, propiciando sua salvação e a expansão do Reino de Deus. Os inimigos a serem combatidos eram todas as religiões concorrentes, cristãs ou não, inclusive as pentecostais e as neopentecostais. Para Pompa, no imaginário do fim dos tempos os indivíduos não deveriam estar apartados do mundo ou viverem fora da história, mas estarem inseridos nele intervindo em nome de Jesus. Revestidos de poderes pelo batismo com o Espírito Santo os fiéis estavam autorizados a evangelizar e a lutar no seu exército contra as investidas dos inimigos de Deus e das almas (POMPA, 1998, p. 13).

Os discursos que excitavam a violência não estavam deslocados da prática e se tornam sua evocação legitimadora. Ou seja, a existência desses *outros* era construída como uma ameaça à Assembleia de Deus, aos indivíduos, aos governos, aos países e à humanidade. A guerra aos *outros* concorrentes, assim como o projeto *Década de Colheita*, criava oportunidades para mobilizar os fiéis em torno de um projeto comum que garantisse o futuro da Igreja e a salvação no momento do arrebatamento final. Esse incitamento forjava sentimentos identitários comunais, de lealdade e de auto-sacrifício construído, entre outros aspectos, na rejeição das diferenças das mensagens e das interpretações da Bíblia e numa identidade comunal distintiva. O *outro* era pura negatividade e deveria ser combatido.

Intolerantes, não cessaram de fabricar os *outros* e de deslegitimá-los. As lideranças olhavam as diferentes religiões, crenças e movimentos desqualificando-os por não serem “legítimos”. Excluía, dessa forma, as possibilidades de diálogos inter-religiosos, interculturais e excitavam os processos geradores da alteridade e de aprofundamento das diferenças. A ação missionária redentora que desenvolviam teria sido confiada por Jesus Cristo, pois ele era a autoridade suprema. Assim, sentiam-se

<sup>83</sup> Evangelizemos o mundo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 11, jun. 1992, p. 37.

<sup>84</sup> *Ibid.*, p. 39-40.

responsáveis e orgulhosos por difundirem os ideais de Jesus Cristo, por serem a única religião a deter a interpretação legítima e infalível da Bíblia, da superioridade da sua doutrina e usos e costume e porque iriam evangelizar o mundo e derrotar o Diabo.

Em suma, as lideranças construíram diferenças radicais entre a Assembleia de Deus e as diversas religiões. Ao forjar diferenças e distinções valorizavam os aspectos que os diferenciavam. A Bíblia era um livro infalível e incontestável, porém as interpretações eram diferentes, distinguindo a Assembléia de Deus dos concorrentes pois sua visão era a única válida. A posse da única e verdadeira interpretação garantia a salvação apenas aos assembleianos. As comparações eram sempre uma condenação e as análises realizadas não eram vistas e representadas como passíveis de erros e questionamentos. Os concorrentes seriam falsificadores da palavra, charlatães, pagãs, experimentais, sem revelação, supersticiosos, satânicos e seriam o anticristo. Assim, os julgamentos sempre eram desfavoráveis e lançavam os *outros* no nada. Não se discute se os *outros* podiam interpretar de maneira distinta e recusavam-se a aventar a possibilidade de que poderia haver uma unidade entre o Deus da Assembléia de Deus e com os dos seus concorrentes. As lideranças, ao atribuírem uma superioridade à Assembleia de Deus, aceitavam e favoreciam o estabelecimento de relações de hostilidade para com grupos religiosos não-assembleianos. A avaliação negativa dos *outros* requeria uma censura a qualquer possibilidade de vê-la como igual, excitando seu caráter não democrático e conservador. Os demais grupos religiosos não seriam alguém que os tornassem cômicos de suas singularidades, alguém com quem podiam apreender, conviver e ponto de referência da identidade assembleiana. Ao contrário, havia um esforço reflexivo e constante de chegar a um saber sobre os outros, a uma verdade que justificasse sua demonização. Como portadores de uma missão especial afirmavam a superioridade da Assembleia de Deus e justificavam seus projetos para remodelar o mundo, regenerar o Brasil e salvar a humanidade.

### **A Década da Colheita: avanços e permanências**

Em 25 e 30 de janeiro de 1995 foi realizada a 32ª Convenção da CGADB onde foi avaliada os primeiros cinco anos da *Década de Colheita* e a presença da Assembleia de Deus no Brasil. Valdir Bicego<sup>85</sup>, secretário do projeto, informou que a meta de alcançar 50 milhões de fiéis não seria alcançada, exceto se houvesse um crescimento, até 2000, ou seja, de 31% ao ano. As lideranças e os fiéis foram admoestados para se empenharem, o que denunciava o pouco engajamento dos mesmos. Os resultados, abaixo das expectativas, do projeto *Década da Colheita* acirraram as divisões internas entre lideranças conservadoras e revisionistas, sobretudo em relação a adequação dos *usos e costumes* e os posicionamentos frente aos meios de comunicação (FONSECA; ROIZ, 2011, p. 199-200). Faziam parte dos conservadores lideranças que estavam há mais tempo na Igreja em contraposição aos pastores jovens, que defendiam as mudanças.

---

<sup>85</sup> O pastor Valdir Bicego foi considerado *profeta da Década da Colheita* e um dos maiores pregadores do século XX da Assembléia de Deus do Brasil.

Os conservadores defendiam a rigidez dos *usos e costumes*, o reforço doutrinário e da identidade assembleiana e a expulsão dos pastores revisionistas.<sup>86</sup> Diante das transformações da sociedade e de um mercado religioso competitivo, vistos por um prisma negativo, valorizam a manutenção da doutrina, os valores tradicionais e a rigidez dos *usos e costumes*, elementos identitários distintivos das demais opções religiosas. Para esse grupo, esses posicionamentos conservadores e a rejeição do mundo e de suas transformações trariam vantagens e competitividade. O afrouxamento doutrinário comprometeria a expansão institucional e a diminuição do número de membros. Nesse sentido, acreditavam que o problema não seria as rígidas doutrinas, mas a não observância das mesmas.

Porém, as mudanças já estavam em curso. Em 1994, por exemplo, durante o Encontro dos Líderes das Assembléias de Deus (ELAD), predominou a posição dos conservadores.<sup>87</sup> Em 1995, durante a 32ª CGADB, os revisionistas conseguiram impor na pauta temas como regimento interno, a análise da *Década da Colheita* e os motivos do alto índice de evasão dos fiéis e temas como divórcio, doutrinas e costumes, eleições e fundo convencional (OLIVEIRA, 1997, p. 143). Os revisionistas defendiam a necessidade de tornar as mensagens mais atrativas e o investimento no evangelismo eletrônico, devido a eficácia das suas técnicas e estratégias e pela oferta sistemática dos serviços de salvação. A Assembleia de Deus do Amazonas, desde 1997, por exemplo, contrariando a Resolução de Santo André, veiculava o programa de televisão *Movimento Pentecostal* e passou a transmitir os cultos da CGADB, ao vivo, por meio do satélite *Jesus Sat*, da *Rede Boas Novas* de rádio e televisão.

No 5º ELAD foram apresentadas as reformulações da Resolução de Santo André e trouxe grandes transformações que tornavam a Igreja mais competitiva e atraente nas disputas pelo mercado religioso. As reformas nos *usos e costumes* foram apresentadas de forma estratégica para evitar que gerassem resistências e evasões dos conservadores e dos fiéis. Ou seja, os discursos das lideranças buscavam o consenso ao defenderem que não se tratava de uma nova identidade, mas um aperfeiçoamento que a adequava aos desafios da sociedade contemporânea sem perder sua unidade doutrinária (DANIEL, 2004, p. 579).

As resoluções aprovadas continuavam a proibir os homens de terem cabelos longos e incluía uma nova restrição, os cortes considerados “extravagantes”, mais frequente entre os jovens. As mulheres de seguirem a moda, de usarem calças e “vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstia” e de cortarem os cabelos curtos. Foi permitido o uso de maquiagem, de cosméticos, a depilação das sobrancelhas e a pintura das unhas e dos cabelos, porém sem exageros. Foram proibidas as tatuagens, o uso de bebidas alcoólicas e o mau uso dos meios de comunicação, tais como televisão, *internet*, rádio e telefone (DANIEL, 2004, p. 579). Assim, estava liberado, com algumas restrições, o corte dos cabelos, o uso de maquiagem e o uso da televisão, telefone, rádio e

<sup>86</sup> A expulsão foi defendida pelo pastor Raimundo Soares de Lima, de Indaiatuba, SP.

<sup>87</sup> O encontro foi realizado entre os dias 18 e 20 de janeiro. COUTO, Jeremias. Caminhos da Assembléia de Deus na primeira metade dos anos 90. *Revista Obreiro*, Rio de Janeiro, CPAD, n. 7, 1996.

incluiu a nova mídia em expansão no Brasil, a *internet*. Esses meios de comunicação perderam o *status* de demoníacos, de ameaça a moral e à saúde pública e de promotores de todos os malefícios da sociedade. Recomendava-se apenas o “bom uso” tanto aos pastores quanto aos fiéis. As transformações eram significativas em relação aos meios de comunicação massivos e mantinham aspectos conservadores nos *usos e costumes*. Porém, atendiam as reivindicações das lideranças revisionistas e de setores dos conservadores, que desejavam a conciliação entre os diferentes grupos e que reivindicavam mudanças e maior liberdade de ação.

As reformas suscitaram um amplo debate sobre a identidade da Assembléia de Deus, que para muitos, teria sido “perdida”. Outros discursos defendiam que as reformas teriam mantido o “*nosso* conteúdo doutrinário e a *nossa* identidade” (grifo meu).<sup>88</sup> Os *usos e costumes* e, sobretudo, a doutrina continuaram a serem valorizados como distintivos das religiões concorrentes e como uma *vantagem positiva* na disputa pelo mercado religioso. O conservadorismo permanecia na condenação ao homossexualismo, à eutanásia, ao aborto, ao divórcio, ao feminismo e às uniões entre pessoas do mesmo sexo, entre outras. Permanecia também a interdição aos jogos, ao álcool, ao tabaco, às drogas e ao sexo extraconjugal.

A flexibilização evidencia a disposição das lideranças para acompanharem as transformações do campo religioso, do pentecostalismo e da sociedade brasileira e a necessidade de investirem em novas estratégias para aumentar o número de fiéis. A Assembléia de Deus, depois de 30 anos de debates e disputas, adequava-se às transformações tecnológicas e abriu-se à grande e pequena mídia (fitas cassetes e filmes de vídeo), as transmissões dos programas de rádio e TV via satélite e *internet*, à evangelização eletrônica por meio da compra de espaços em canais privados, ao uso de mensagens via e-mail, as chamadas telefônicas, aos websites, entre outras. Segundo Mariano, o proselitismo em rádio e TV ao difundirem as mensagens e apelos das igrejas tornaram-se meios para atrair grande número de indivíduos das mais diversas localidades geográficas e alcançavam aqueles que não têm contato ou relação de confiança, amizade e parentesco com os fiéis da denominação (MARIANO, 2004). As disputas pelo mercado religioso assumiram, nessa fase expansionista, formas ciberespacializadas extrapolando as fronteiras nacionais. O controle deste novo espaço discursivo e competitivo assumia a conotação de guerra entre os diferentes grupos religiosos, que adotavam discursos de poder e de demonização dos concorrentes. Em suma, as reformas dos usos e costumes evidenciaram a “maior permeabilidade às influências da cultura de consumo; com isso a moral de santidade ou ascese de negação do mundo tem sido afrouxada”, que foi acompanhado por “significativas mutações na escatologia, de extra para intramundana” (OLIVA; BENATTE, 2000, p. 44).

Em 2000, após a virada do milênio, que se processou sem incidentes, o presidente da CGADB, pastor José Wellington Bezerra da Costa avaliou a instituição qualificando-a como a melhor religião das existentes e evidenciou, por um lado, aspectos

<sup>88</sup> BEZERRA DA COSTA, José Wellington. “Preservem nossa identidade e doutrina”. *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano 70, n. 1354, p. 16-31, jan. 2000.

distintivos da Assembléia de Deus frente os concorrentes, que a diferenciavam, e a preocupação com as mudanças que flexibilizavam essa identidade e os valores do passado, que ameaçariam sua pujança, por outro:

Se compararmos a nossa Igreja a outros movimentos e denominações, teremos a impressão de estarmos bem adiantados espiritualmente. Mas se nos voltarmos às nossas origens, haveremos de constatar tristemente, já estamos perdendo a pujança do movimento [...].<sup>89</sup>

A não concretização do fim dos tempos e as incertezas quanto à volta de Jesus o levava a temer o afastamento da Igreja e da vida cristã e a migração dos fiéis para outras religiões, classificadas como inferiores e sem revelação. O objetivo era, sobretudo, era o fortalecer laços identitários e doutrinários e a vivência espiritual num milênio secularizado que se iniciava. O fiel deveria manter-se afastado da vida secular e próximo do sagrado, de uma vivência cristã legítima. Era necessário lembrar constantemente aos fiéis que estariam vivendo no tempo do fim.

A *Década da Colheita*, apesar de não alcançar os resultados de planejados, de 50 milhões de membros, conquistou um crescimento excepcional. De acordo com o Censo de 1991 a Assembleia de Deus tinha 2.439.770 membros e no de 2000 tinha 8.418.154. Segundo Mariano, o Censo de 1991 subestimou o número de assembleianos, o que elevou artificialmente a taxa de crescimento na década seguinte, taxa que não deve ter alcançado a metade de 14,8% (MARIANO, 2004). Assentando-se na afirmação da identidade assembleiana, na habilidade de explorar as mudanças sociais aceleradas da sociedade brasileira e na disposição de adaptarem-se as mudanças, conseguiu crescer nos anos 1990 e detinha o posto de maior igreja pentecostal do Brasil. Esses dados estatísticos agrupam as duas Assembleias, ou seja, as igrejas ligadas à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) e as vinculadas à Convenção Nacional de Ministros da Assembleia de Deus de Madureira (CONAMAD). Nesse sentido, o real número de membros da CGADB e os resultados alcançados na *Década da Colheita* devem ser relativizados.

A expansão numérica e institucional foi acompanhada pela consolidação da sua presença nos campos midiáticos, assistenciais, editoriais, político e partidário e de produtos religiosos. A Igreja ampliou seu público, não se restringindo aos pobres ou aqueles que possuíam um nível de escolaridade mais baixo, ao incorporar as classes médias, os empresários, os profissionais liberais, os atletas e os artistas. Apesar da diversificada oferta de denominações pentecostais, a Assembleia de Deus, ao lado da Congregação Cristã do Brasil e da Universal do Reino de Deus foram as igrejas que mais cresceram, concentrando 74% dos pentecostais (13 milhões de membros) e que conquistaram visibilidade pública, sucesso na política partidária, espaços na televisão, legitimidade e reconhecimento social (MARIANO, 2004).

<sup>89</sup> BEZERRA DA COSTA, José Wellington. Aviva, ó Senhor, a tua obra. *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, 1970, n. 1354, p. 1, jan. 2000.

Em suma, os projetos de *Colheita* ressignificavam os discursos escatológicos atualizando-os sob diferentes formas e contextos. Essa proliferação discursiva acompanha a Assembleia de Deus desde a sua fundação no Brasil e são eficazes para mobilizar, converter e como estratégia para disputar o mercado da salvação e para reforçar os laços identitários.

## Referências

- ARAÚJO, Arão Inocêncio Alves de. Sob o domínio do presente, a valorização do tempo presente no pentecostalismo assembleiano brasileiro (1950-1990). In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo. *Cem anos de Pentecostes – Capítulos da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Fonte Editorial, 2000. p. 163-209.
- ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes do fazer. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Forense Universitária, 1994.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 77-104.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre as incertezas e as inquietudes*. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 1999.
- CRUZ, Heloisa; CUNHA, Maria Peixoto. Na oficina do historiador: conversa sobre história e imprensa. *Projeto história*. São Paulo, n. 35, 2007. p. 253-270.
- DANIEL, Silas. et al. *História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- FONSECA, André Dioneu. *As fronteiras das leituras: imprensa e práticas de leitura na Igreja Assembleia de Deus (1980-1990)*. Dourados, 2011. 168p. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados.
- FONSECA, André Dioneu; ROIZ, Diogo da Silva. “Década da colheita”: uma reflexão sobre as ações doutrinárias na Igreja Assembleia de Deus na década de 1990. *Revista de História Regional*, 16 (1): 253-270, Verão, 2011.
- FONSECA, André Dioneu; ROIZ, Diogo da Silva. As representações da Igreja Assembleia de Deus sobre a televisão entre 1960 e 2000. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 4, n. 2, p. 185-205, maio, 2009.
- GUIMARÃES, Robson Franco. Os últimos dias: os pentecostais e o imaginário do fim dos tempos. *Revista de Estudos da Religião*, PUC, São Paulo, v. 1, n. 2, 2005.
- MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, São Paulo, set./dec. 2004.

- MESQUITA, Antônio (Org.). *Mensageiro da Paz*: os artigos que marcaram a história e a teologia do Movimento Pentecostal no Brasil (1919-2004). Rio de Janeiro: CPAD, 2004. 3v.
- MONTES, Maria Lúcia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.); SCHWARCZ, (Org.). *História da vida privada no Brasil. Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 63-171. Vol. 4.
- NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, São Paulo, set./dec. 2004.
- OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo. Um século de pentecostes no Brasil: algumas observações. In: \_\_\_\_\_. *Cem anos de Pentecostes – Capítulos da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Fonte Editorial, 2000. p. 31-66.
- OLIVEIRA, Joanyr. *As Assembléias de Deus no Brasil*: sumário histórico ilustrado. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.
- PIERUCCI, Antônio Flavio. “Bye bye, Brasil” – o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, São Paulo, set./dec. 2004.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte. In: PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: religião sociedade e política*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 163-191.
- POMPA, Cristina. A construção do fim do mundo: para uma releitura dos movimentos sócio-religiosos do Brasil “rústico”. *Revista de Antropologia*, v. 41, n. 1, São Paulo, 1998.
- RODRIGUES, Vinícius Emanuel. Esperando o fim do mundo: representações do tempo na Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Brasil (1999 - 2000). In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo. *Cem anos de Pentecostes – Capítulos da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Fonte Editorial, 2000. p. 211-248.
- ORO, Ari Pedro. Neopentecostalismo: dinheiro e magia. *Anuário Antropologia Social y Cultural em Uruguay 2002/2003*, Montevideo, p. 205-214, 2003.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. *O que é pentecostalismo?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- MARIANO, Ricardo. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, Ano 8, p. 68-95, dez. 2008.
- OLIVEIRA, Joanyr. *As Assembléias de Deus no Brasil*: sumário histórico ilustrado. Rio de Janeiro: CPAD, 1997
- SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola bíblica dominical*. Um curso de treinamento para professores iniciantes e atualização de professores veteranos da Escola Dominical. Rio de Janeiro: CPAD, 1981.
- SOUZA, Elton Fernandes de. Conflitos entre pentecostais: representações da Igreja Universal do Reino de Deus no âmbito da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Brasil (1990 - 2009). In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo. *Cem anos de Pentecostes – Capítulos da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Fonte Editorial, 2000. p. 249-284.

---

## Revistas e fontes

Jornal Mensageiro da Paz (1989 – 2000)

[http://www.apazdosenhor.org.br/p\\_index.php?pag=decada](http://www.apazdosenhor.org.br/p_index.php?pag=decada)

Revista Obreiro (1990-2000)

Revista Lições Bíblicas (1989 – 2000)

Revista da Escola Dominical (1990 – 2000)